



Lição 03

A falácia do Relativismo ético-moral

19 de Abril de 2026
2º TRIMESTRE 2026
JOVENS

Murilo Alencar

Esboço Da Lição 03

Do 2º Trimestre

De 2026

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

PLANO PERFEITO

A salvação da humanidade: a mensagem central das Escrituras

Domingo, 19 de abril de 2026

A FALÁCIA RELATIVISMO ÉTICO-MORAL

Murilo Alencar¹

INTRODUÇÃO

Nesta lição, examinaremos por que o Relativismo é uma falácia enganosa, compreenderemos a perspectiva bíblica sobre a moral e analisaremos o impacto dessa ideologia na sociedade e na Igreja. Preparados? Vamos juntos aprender a Palavra de Deus.

TEXTO PRINCIPAL – COMPARANDO TRADUÇÕES

Ai dos que chamam ao mal bem e ao bem, mal, que fazem das trevas luz e da luz, trevas, do amargo, doce e do doce, amargo! (Is 5.20, NVI).

Ai dos que chamam de mau aquilo que é bom e que chamam de bom aquilo que é mau; que fazem a luz virar escuridão e a escuridão virar luz; que fazem o amargo ficar doce e o que é doce ficar amargo! (Is 5.20, NTLH).

Isaías foi chamado por Deus para confrontar os pecados de Israel e denunciar tudo o que afastava o povo da justiça e da verdade. Em seus dias, a nação de Israel estava marcada pela corrupção, pela idolatria e pela injustiça. Isaías 5.20 fala diretamente a esse contexto e mostra a gravidade de inverter os padrões morais estabelecidos por Deus. O profeta denuncia o momento em que o mal passa a ser chamado de bem, e o bem passa a ser tratado como mal.

Esse texto também mostra que o erro moral muitas vezes se esconde por trás de palavras aceitáveis. Há pessoas que mudam os nomes das práticas pecaminosas para torná-las mais toleráveis, mas mudar o nome de algo não muda sua natureza. O pecado continua sendo pecado, ainda que receba um rótulo mais leve, mais moderno ou mais atraente.

A linguagem de Isaías amplia ainda mais essa advertência. Quando ele fala de luz e trevas, trata de uma confusão moral que atinge a vida pública, aquilo que todos podem ver e reconhecer. Quando fala de amargo e doce, mostra que essa inversão também alcança a experiência pessoal, o julgamento íntimo, a forma como cada um aprende a gostar do que é errado e a rejeitar o que é certo. Em outras palavras, a corrupção dos valores atinge tanto a sociedade quanto o coração humano.

O relativismo, inevitavelmente, desemboca em inversão de valores, imoralidade e conduta pecaminosa “justificável”.

RESUMO DA LIÇÃO

¹Graduado em teologia pela UniCesumar; Tecnólogo em coaching e desenvolvimento humano pela Unopar; pós-graduando em educação cristã e graduando em teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC); Presbítero na Assembleia de Deus em Pernambuco

A fé cristã afirma que Deus é a fonte da moralidade e que seus princípios revelados nas Escrituras são universais, imutáveis e essenciais para uma vida justa.

O que é moral? A moral é o conjunto de regras, valores e princípios que orientam o comportamento humano, indicando o que é certo e o que é errado.

Três implicações derivadas do resumo da lição?

- **Objetividade moral.** Se Deus é a fonte da moralidade, então o certo e o errado não dependem do gosto de cada pessoa, nem das mudanças da sociedade. A moral não fica entregue à opinião humana. Ela tem fundamento no próprio caráter de Deus. Por isso, o bem não se torna mal, nem o mal se torna bem, apenas porque alguém decidiu reinterpretá-los.
- **Universalidade da lei moral.** Se os princípios morais revelados por Deus procedem dele, então eles valem para todos os seres humanos, em todos os tempos e lugares. A verdade moral não se limita a um povo, a uma cultura ou a um período da história. O que Deus aprova continua sendo correto para todos, e o que Deus condena continua sendo errado para todos.
- **Imutabilidade moral.** Se Deus é imutável em seu ser e em seu caráter, então os princípios morais fundamentados nele também não mudam. Modas culturais, pressões sociais e novas leituras da realidade não têm autoridade para alterar aquilo que Deus estabeleceu. A moral bíblica permanece firme porque seu fundamento não está no homem, mas no Deus que não muda.

MOVIMENTO TEMÁTICO

Conceito e natureza - Perspectiva bíblica - Impacto

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

1. O CONCEITO E A NATUREZA DO RELATIVISMO MORAL

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Seja assinante e desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

1.1 Subjetividade ética.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *No Relativismo, a ética se torna uma questão de preferência pessoal ou da vontade da maioria, o que torna impossível distinguir entre justiça e injustiça (Jr 17.9; Rm 1.21,22). Se a moralidade é decidida por gostos individuais, o que impede alguém de justificar ações como desonestidade, violência ou egoísmo com base em sua própria visão de mundo? A ausência de um padrão objetivo torna toda condenação moral arbitrária.*

A subjetividade ética é a concepção segundo a qual a moralidade não possui existência objetiva independente do ser humano, mas é produzida internamente pelo sujeito. Ela está associada ao relativismo moral: cultural e individual.

O que é relativismo? O relativismo é a ideia de que o conhecimento, os valores e os julgamentos dependem do ponto de vista do sujeito ou do contexto em que ele está inserido. Segundo essa perspectiva, não existe uma verdade objetiva e válida para todos, mas apenas interpretações condicionadas por fatores históricos, culturais, psicológicos ou sociais. Desse modo, aquilo que alguém considera verdadeiro ou correto varia conforme as circunstâncias e não pode ser apresentado como norma universal.

O relativismo moral aplica essa lógica ao campo da ética. Nessa visão, não existem valores morais objetivos, universais e imutáveis. O certo e o errado passam a depender de critérios humanos variáveis. Por isso, não haveria um padrão moral absoluto capaz de julgar todas as ações. Cada sistema moral teria valor apenas dentro do seu próprio contexto. O relativismo moral, então, rejeita a ideia de uma lei moral universal, como a tradição cristã afirma, e entende a moralidade como construção humana, sujeita a fatores externos ou às escolhas de cada pessoa.

Dentro do relativismo moral, formas aparecem com mais clareza.

- A primeira é o relativismo cultural, segundo o qual os valores morais são definidos pela cultura ou pela sociedade. Nesse caso, o certo e o errado dependem das normas, tradições e costumes de cada grupo.
- A segunda é o relativismo individual, que leva essa ideia ainda mais longe ao afirmar que cada pessoa decide por si mesma o que é certo ou errado, de acordo com suas preferências, experiências ou convicções. Assim, tanto no plano cultural quanto no plano individual, o relativismo moral rejeita a existência de um padrão ético universal.

Ainda podemos mencionar outras formas mais específicas de relativismo. Uma delas é o relativismo religioso, segundo o qual não existe uma religião verdadeira em sentido universal. Nessa perspectiva, todas as religiões seriam caminhos igualmente válidos para Deus. Um exemplo bem prático aparece quando alguém diz: “O importante é ter fé; não importa se a pessoa é cristã, espírita, muçulmana ou segue outra religião, porque todas levam ao mesmo lugar.”

Outra forma é o relativismo histórico, que sustenta que a compreensão dos fatos depende tanto da perspectiva de quem os narra que já não haveria uma verdade histórica objetiva a ser conhecida com segurança. Nessa linha, o relato dos acontecimentos ficaria sempre preso ao olhar do intérprete, de sua época e de seus interesses.

1.2 Mudança de valores.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *O ético promove uma moralidade fluida, na qual valores e princípios mudam de acordo com o espírito da época (Jr 13.23) tornando-se voláteis e subjetivos, sem bases sólidas, como um líquido que se transforma rapidamente. O que antes era considerado pecado (como adultério, mentira ou avareza) agora pode ser visto como estilo de vida, “autenticidade” ou “expressão pessoal”. Isso leva ao esvaziamento do conceito de pecado (1Jo 3.4) e à perda do temor a Deus (Pv 16.18; Rm 3.10-12).*

Relembrando, o relativismo ético é a ideia de que não existe um padrão moral absoluto, objetivo e válido para todos, de modo que o certo e o errado dependeriam das circunstâncias, da cultura, do grupo ou da preferência pessoal. Nessa visão, a moral não é fixa, ela muda conforme o contexto. Dessa forma, em vez de perguntar “o que Deus declarou ser certo?”, o relativismo ético pergunta “o que parece certo para mim, para nós, ou para este momento?”

Imagine comigo alguns exemplos práticos da aplicação do relativismo. Em certas tribos indígenas, por tradição cultural, considera-se aceitável, e até obrigatório, sacrificar crianças que nascem com alguma deficiência ou comorbidade. Esse costume é mantido há gerações e praticado sem culpa, como algo normal dentro daquele grupo. Se o certo e o errado dependem apenas da cultura, então não haveria base para dizer que tal prática é objetivamente má, mas apenas diferente.

Pense também em um caso individual. Alguém diz: “Para mim, não há problema em me relacionar com várias pessoas ao mesmo tempo. Eu não vejo nada de errado nisso.” Outra pessoa responde: “Eu considero isso errado.” Então vem a réplica: “Você não pode me julgar. Essa é a minha verdade. O que é errado para você não é errado para mim.” Nesse ponto, o relativismo dissolve qualquer padrão moral comum, porque transfere o juízo do certo e do errado para a preferência de cada indivíduo.

É justamente aí que está o problema. Dentro da lógica relativista, o mal deixa de ser mal em sentido objetivo. O pecado perde seu significado. A moral deixa de ter fundamento sólido e passa a variar conforme a cultura, o grupo ou o indivíduo. Quando isso acontece, já não existe uma referência universal capaz de julgar as ações humanas. Tudo fica sujeito ao ponto de vista de quem age.

Vamos para alguns exemplos bíblicos:

- A Bíblia mostra esse erro de forma muito clara em Juízes 21.25: **“cada um fazia o que parecia reto aos seus olhos”**. Esse talvez seja o retrato mais direto do relativismo ético nas Escrituras. Israel havia abandonado o padrão objetivo da aliança e passou a viver segundo critérios próprios. A consequência foi o caos moral, espiritual e social, ou seja, violência, idolatria, degradação da justiça e desordem nacional.

O texto de Provérbios 16.25, diz: **“Há caminho que parece direito ao ser humano, mas o fim dele é caminho de morte”**. Esse texto é claríssimo, o critério humano pode parecer correto, razoável e até convincente, mas termina em morte. É praticamente uma crítica sapiencial direta ao relativismo ético: o que “parece certo” ao homem não é, por isso, realmente certo.

1.3 Influência do pós-modernismo.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *O Relativismo moral floresceu no solo filosófico da pós-modernidade, que rejeita verdades absolutas (Jr 10.23) e promove a ideia de que cada pessoa cria sua própria “realidade”. Isso resulta numa sociedade em que qualquer afirmação moral é imediatamente suspeita de ser opressiva ou intolerante, e onde “tolerância” significa aceitar todas as ideias, menos aquelas que afirmam absolutos.*

O pós-modernismo é uma forma de pensar que questiona a ideia de uma verdade universal, válida para todos. Enquanto a modernidade confiava que a razão humana poderia conhecer a verdade de modo mais seguro, o pós-modernismo passou a dizer que aquilo que chamamos de verdade depende muito da cultura, da linguagem, da história e do ponto de vista de cada pessoa ou grupo.

O tripé do pós-modernismo é:

- negação da verdade universal, pois sustenta que não existe uma verdade objetiva válida para todos;
- primazia da perspectiva, pois entende que cada pessoa ou grupo interpreta a realidade a partir de seu próprio contexto;
- suspeita das grandes referências de autoridade, como tradição, razão, religião e metanarrativas.

Portanto, a contribuição do pós-modernismo para o relativismo moral está no fato de que ele enfraquece os pilares que sustentam a moral objetiva, a verdade, as tradições, a moral, a autoridade, as metanarrativas.

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 1):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo [aqui](#) para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

2. PERSPECTIVA BÍBLICA SOBRE A MORAL

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

2.1 Deus como fonte da moralidade objetiva.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Ao contrário do Relativismo, a fé cristã sustenta que há uma fonte objetiva e transcendente de moralidade: o próprio Deus. Ele é santo, justo e bom em seu ser, e por isso tudo o que Ele*

ordena é moralmente correto. A moral bíblica não é resultado da opinião humana, mas expressão do caráter santo e eterno de Deus, revelado em suas leis e preceitos (2Tm 3.16).

A cosmovisão cristã é baseada em dois axiomas fundamentais: 1) Deus existe e 2) Deus falou conosco na Bíblia. **Se esses dois pressupostos não são o ponto de partida de uma cosmovisão cristã, então somos como todos os outros, tentando encontrar objetividade em um mar de subjetividade.**

Por isso, quando tratamos de moralidade, precisamos começar em Deus. Ele é a fonte da moralidade em três sentidos. **Primeiro**, em sentido ontológico, porque o bem está firmado em seu caráter. Santidade, justiça, verdade e amor correspondem a quem Deus é. **Segundo**, em sentido normativo, porque os deveres morais expressam a vontade de Deus revelada em sua Palavra. **Terceiro**, em sentido antropológico, porque o ser humano tem consciência moral por ter sido criado à imagem de Deus e por viver em um mundo ordenado por ele.

É nesse ponto que se torna necessário distinguir valores morais de deveres morais. Valores morais se referem ao que é bom ou mau. Deveres morais se referem ao que devemos fazer ou deixar de fazer. **Na perspectiva cristã, os valores morais estão firmados no caráter de Deus. Os deveres morais, por sua vez, estão firmados na vontade de Deus, que torna esse caráter conhecido por meio de seus mandamentos.** Deus ordena o que condiz com sua natureza. Por isso, seus mandamentos são bons e perfeitos.

O que acontece quando essas bases são removidas e quando as ideias do relativismo são estabelecidas como fundamentos?

Um exemplo trágico e real dessa lógica aparece no caso do serial killer americano Jeffrey Dahmer, que matou, estuprou e canibalizou várias vítimas. Em seu depoimento, Dahmer declarou que não se sentia culpado por seus atos, pois havia sido educado a crer que o ser humano era apenas produto da evolução, sem alma, sem propósito e sem Deus. Seu raciocínio era assustador: se Deus não existe, por que eu deveria me importar com o certo e o errado? Essa declaração ecoa a conhecida sentença de Dostoiévski em *Os Irmãos Karamázov*: se Deus não existe, tudo é permitido.

Se não há uma fonte transcendente de moralidade, então, em última análise, nem mesmo o comportamento de Dahmer poderia ser condenado de forma objetiva. Ele poderia ser considerado repulsivo, socialmente inaceitável ou psicologicamente perturbador, mas já não haveria fundamento sólido para dizer que era moralmente mau em si mesmo. E isso é absurdo. **A punição do mal só faz sentido quando o mal é reconhecido como mal independentemente da vontade do agressor, da cultura em que ele vive ou da interpretação que ele faz de si mesmo.**

2.2 Natureza caída.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *A Bíblia revela que o ser humano, em seu estado natural, é pecador e inclinado ao erro (Rm 3.23). Desde a Queda no Éden, o coração humano tornou-se corrupto (Jr 17.9), e a inclinação do homem é fazer aquilo que desagrada a Deus. Por isso, confiar apenas nos sentimentos ou nas preferências pessoais leva, inevitavelmente, ao pecado.*

Vamos examinar alguns textos bíblicos para entender por que o relativismo moral e a privatização da verdade, conforme o desejo de cada indivíduo, são tão perigosos. **Em primeiro lugar**, a Bíblia afirma que todos pecaram (Rm 3.23). **Em segundo**, declara que o salário do pecado é a morte (Rm 6.23). **Em seguida**, ensina que o homem está morto em delitos e pecados (Ef 2.1). Esses textos mostram que o pecado atingiu o homem por inteiro.

Diante desse cenário, a Escritura descreve a condição do coração humano com palavras as seguintes palavras: “E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só **má continuamente**” (Gn 6.5, ACF). Jesus confirma essa verdade ao dizer: “**Porque do coração procedem** os maus pensamentos, mortes, adultérios, fornicação, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias” (Mt 15.19, ACF).

A pergunta, então, é: como alguém pode confiar no próprio coração e nos próprios sentimentos para definir o certo e o errado, se o pecado corrompeu sua natureza e o inclina ao mal? É aqui que o relativismo moral se revela tão grave. Ele oferece ao coração pecaminoso uma justificativa conveniente para chamar de bom aquilo que Deus condena em sua Palavra.

Diante disso, precisamos ter cuidado com frases que parecem piedosas, mas que colocam o coração humano acima da Palavra de Deus.

- “Que todo desejo do seu coração se cumpra.” Essa frase só faz sentido se os desejos do coração estiverem submetidos à vontade de Deus. Do contrário, ela pode se tornar um pedido para que paixões erradas, ambições carnis e inclinações pecaminosas prosperem.
- “Siga o seu coração.” Esse conselho parece bonito, mas é perigoso. O coração humano, sem o governo da Palavra e do Espírito, não é um guia seguro. O crente não foi chamado a seguir o coração, mas a obedecer ao Senhor.
- “Faça o que te faz feliz.” Nem tudo o que produz prazer agrada a Deus. Há alegrias legítimas e há prazeres pecaminosos. A pergunta correta não é apenas “isso me faz feliz?”, mas “isso honra a Deus?”.
- “Se você sente paz, então está certo.” A sensação de paz, por si só, não prova que uma decisão seja correta. Há pessoas em pecado que se sentem tranquilas, porque a consciência já se tornou insensível. A paz verdadeira precisa andar junto com a verdade.

2.3 Chamado à santidade.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *O chamado cristão é para um viver em santidade, conforme o padrão divino, e não segundo os valores deste século. A ética bíblica não é apenas um conjunto de regras, mas um chamado à transformação interior pelo Espírito Santo. Deus nos chama a sermos santos como Ele é santo (1Pe 1.16).*

Todo cristão é chamado para uma vida santa, regulada pelo padrão de Deus. Em 1 Pedro 1.16, lemos: “Sede santos, porque eu sou santo”. **A referência moral do cristão não está na cultura, na opinião da maioria nem nos valores do tempo presente. O padrão da vida cristã está no caráter de Deus e na sua Palavra.**

Essa exigência aparece em toda a Bíblia. Em Levítico 19.2, Deus já dizia ao seu povo que ele deveria ser santo. Em Romanos 12.2, Paulo ordena que o crente não tome a forma deste século, mas tenha a mente renovada. Quem pertence a Deus não pode pensar, julgar e viver do mesmo modo que o mundo.

A Bíblia também apresenta exemplos desse princípio. José rejeitou a tentação porque entendeu que aquele pecado era, acima de tudo, uma ofensa contra Deus. Ele não pensou só nas consequências humanas do ato. Ele avaliou a situação à luz da santidade de Deus. Daniel fez o mesmo em Babilônia. Daniel 1.8 diz que ele decidiu não se contaminar. Mesmo vivendo em uma cultura pagã, não aceitou seus padrões como regra para a própria vida.

Em Tito 2.11-12, Paulo ensina que a graça de Deus educa o crente a renunciar à impiedade e às paixões mundanas. A graça não diminui a exigência moral. Ela ensina o cristão a viver de modo santo.

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 2):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo [aqui](#) para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

3. O IMPACTO DO RELATIVISMO NA SOCIEDADE E NA IGREJA

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Seja assinante e desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

3.1 Confusão moral.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Uma das primeiras consequências do Relativismo é a confusão entre certo e errado. Sem uma referência moral objetiva, as pessoas já não sabem mais o que é pecado e o que é virtude.*

O relativismo moral está espalhado em enredos, falas, slogans, músicas, redes sociais, debates públicos e hábitos familiares. Ele ensina, de várias formas, que o homem decide o que é certo e errado. **Por isso, o cristão precisa avaliar tudo pela Palavra de Deus, e não pelo clima da cultura.**

Vamos pensar sobre isso nos seguintes pontos:

- Esse pensamento aparece em muitos enredos de filmes e séries quando o roteiro ensina que o certo e o errado dependem do que a pessoa sente. O personagem mente, trai, se vinga ou rompe limites morais, mas o roteiro o apresenta como alguém “corajoso” por estar sendo fiel a si mesmo. Em muitos casos, o problema já não é o pecado em si, mas o fato de alguém tentar dizer que aquilo é pecado. O vilão passa a ser quem julga, e não quem pratica o mal. Lembra da série *La casa de Papel*? Percebeu como somos influenciados a torce pelos vilões? Os ladrões são os heróis.

- Nas redes sociais, isso se espalha por frases curtas e repetidas o tempo todo. Expressões como “cada um tem sua verdade”, “não julgue”, “o importante é ser feliz”, “viva sua melhor versão” e “faça o que faz sentido para você” parecem inofensivas, mas ensinam uma moral sem referência em Deus.
- Na sociedade, esse pensamento já virou linguagem comum. Quando alguém diz “para mim isso não é errado”, “quem é você para dizer o que é certo?” ou “isso pode ser pecado para você, mas não para mim”, já está repetindo a lógica do relativismo moral. O certo e o errado deixam de ser verdades objetivas e passam a ser opiniões.
- Na escola e nos grupos de amizade, isso também aparece. O jovem aprende que defender uma verdade moral objetiva é “intolerância”, mas aceitar qualquer comportamento é “respeito”. Com isso, ele começa a sentir vergonha de afirmar o que a Bíblia diz. A pressão não vem só de argumentos. Vem do ambiente.

3.2 Fragilidade espiritual.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *A comunhão com Deus depende de obediência à sua Palavra. Quando os cristãos absorvem os valores relativistas, sua vida espiritual enfraquece e sua comunhão com Deus é comprometida (Tg 4.4). O Relativismo nos afasta da verdade. Se o pecado já não é reconhecido como tal, o arrependimento se torna desnecessário, e o crente perde a sensibilidade à voz do Espírito Santo (Hb 2.1-3). Isso leva à frieza espiritual e à conformidade com o mundo.*

Esses três pontos devem ser explicados:

- O relativismo enfraquece a comunhão com Deus. A comunhão com Deus exige submissão à sua Palavra. **Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando** (Jo 15.14, ARC). Tiago 4.4 diz que **a amizade do mundo é inimizade contra Deus**. 1 João 1.6 também afirma que, **se dissermos que temos comunhão com ele e andarmos nas trevas, mentimos**. Portanto, quem vive segundo o seu próprio coração não pode agradar a Deus e nem tem comunhão com ele.
- O relativismo diminui a gravidade do pecado. A Bíblia chama pecado de pecado. O relativismo troca essa linguagem por outras mais leves. O que Deus condena passa a ser tratado como escolha, fase, estilo de vida ou opinião. O problema do relativismo está aí: ele enfraquece a consciência e ensina o homem a justificar o que Deus reprova.
- O relativismo conduz à frieza espiritual e à conformação com o mundo. Como isso acontece? Esse processo costuma acontecer aos poucos. Primeiro, a pessoa passa a tolerar ideias e práticas que antes rejeitava.

Depois, começa a justificar o que a Escritura condena. Em seguida, sua consciência perde sensibilidade. O que antes produzia temor já não incomoda com a mesma força. É assim que a frieza espiritual se instala.

3.3 A necessidade de uma Igreja firme na verdade.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Em tempos de Relativismo, mais do que nunca, é necessário que a igreja seja uma “coluna e firmeza da verdade” (1Tm 3.15). A missão dela não é adaptar a mensagem para agradar ao mundo, mas proclamar fielmente o Evangelho de Cristo, que confronta o pecado e oferece salvação. A verdade liberta (Jo 8.32), mas antes disso, ela confronta. A Igreja precisa ser fiel à doutrina dos apóstolos, à santidade de vida e à autoridade da Palavra.*

Devemos considerar três pontos:

- Em primeiro lugar, a igreja tem o dever de proclamar a verdade de Deus com clareza e fidelidade. Ela não recebeu autorização para ajustar sua mensagem ao espírito do tempo. Recebeu a missão de anunciar **“todo o conselho de Deus”** (At 20.27). Por isso, Paulo chama a igreja de **“coluna e baluarte da verdade”** (1Tm 3.15). Quando Paulo usa essa linguagem, mostra que a igreja deve sustentar a verdade diante do mundo, preservá-la contra o erro e mantê-la visível por meio de sua pregação e de sua vida. **A verdade não se apoia na igreja como se dependesse dela para existir, porque a verdade procede de Deus. Ainda assim, Deus confiou à igreja a responsabilidade de guardá-la, ensiná-la e proclamá-la com fidelidade.**
- Em segundo lugar, a igreja tem o dever de formar o povo de Deus pela sã doutrina. Em 2Timóteo 3.16-17, **Paulo ensina que toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para ensinar, repreender, corrigir e educar na justiça.**
- Em terceiro lugar, a igreja tem o dever de zelar pela santidade de sua membresia. Em 1 Coríntios 5, **Paulo mostra que a igreja precisa lidar seriamente com o pecado público e não pode chamar de normal aquilo que Deus condena.** A disciplina cristã não existe para humilhar, mas para corrigir, preservar o testemunho da igreja e buscar a restauração do faltoso. Uma igreja que perde a capacidade de tratar o pecado perde também a sua natureza espiritual.

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 3):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)

CONCLUSÃO

O Relativismo ético-moral é uma falácia perigosa que tenta substituir a verdade divina por construções humanas frágeis e inconsistentes. Por que a Bíblia deve ser a nossa fonte de moralidade? Porque, sem a Palavra de Deus, o ser humano fica sem fundamento seguro para discernir entre o certo e o errado. No final do Sermão do

Monte, nosso Senhor disse: “Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha” (Mt 7.24-25). A Bíblia é essa rocha segura. Somente a Palavra de Deus oferece fundamento firme para a vida moral.

ABRA A JAULA

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SIRE, James W. **Dando nome ao elefante**: cosmovisão como um conceito. Tradução de Paulo Zacharias e Marcelo Herberts. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2012.

SIRE, James W. **O universo ao lado**: um catálogo básico sobre cosmovisão. Tradução de Marcelo Herberts. 5. ed. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2018.

GEISLER, Norman L. **Enciclopédia de apologética**: respostas aos críticos da fé cristã. Tradução de Lailah de Noronha. São Paulo: Editora Vida, 2002.

GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. **A teologia do século 20 e os anos críticos do século 21**: Deus e o mundo numa era líquida. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.